

DEBATE

**VERBOS PSICOLÓGICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A  
ANÁLISE INACUSATIVA DE BELLETTI & RIZZI:  
INDÍCIOS PARA UMA PROPOSTA SEMÂNTICA\***

(The Psych-Verbs of Brazilian Portuguese and Belletti & Rizzi's  
Unaccusative Analysis: Indications for a Semantic Proposal)

Márcia CANÇADO (Universidade Federal de Minas Gerais)

*ABSTRACT: Psychological verbs differ from Agent-Patient verbs in two known ways. The first classical problem raised by these verbs is that those verbs have an Experiencer and a Theme that can be projected onto different syntactic configurations, apparently, in an arbitrary way: in the first class, the fear class, the subject of the verb is the Experiencer and the Theme is the object of the verb; the second class, the frighten class, these relationships are reversed. The second issue raised by psych-verbs is that an anaphor inside the subject of a verb that has as first argument a Theme can take the object of the verb as its antecedent. The aim of this paper is to provide evidence for a semantic proposal concerning those problems of psychological verbs. Building on it, I will also propose a new classification for these verbs, by applying Belletti & Rizzi's unaccusative proposal to psychological verbs in Brazilian Portuguese.*

*RESUMO: Os verbos chamados psicológicos apresentam um comportamento anômalo em relação a outros transitivos. Esses verbos podem ser divididos em dois grupos: um primeiro que tem o Experienciador na posição de sujeito e um Tema na posição de objeto (verbos do tipo temer); e um segundo que o Tema aparece na posição de sujeito e o Experienciador na Posição de objeto (verbos do tipo preocupar). Os verbos do tipo preocupar também apresentam um comportamento diferente em relação à ligação de anáforas: é permitido a uma anáfora colocada no sujeito ser ligada a um antecedente colocado no objeto. O objetivo deste artigo é apresentar evidências para uma análise semântica dos problemas apresentados pelos verbos*

\* Agradeço a Carlos Franchi pelas valiosas discussões que possibilitaram este artigo e ao apoio financeiro do CNPq.

*psicológicos e também propor uma nova classificação para esses verbos. Isso será feito através da análise da aplicação da proposta inacusativa de Belletti & Rizzi aos verbos psicológicos do Português brasileiro.*

*Key words: Psychological verbs; Argument structure; Unaccusative hypothesis; Thematic roles; Semantic clues.*

*Palavras-chave: Verbos psicológicos; Estrutura argumental; Hipótese inacusativa; Papéis temáticos; Índícios semânticos.*

## 0. Introdução

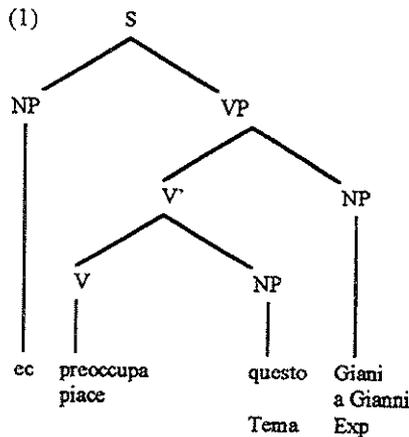
Os verbos chamados psicológicos, aqueles que têm como um argumento o papel temático de Experienciador, apresentam um comportamento anômalo em relação a outros transitivos. Segundo a literatura na área, esses verbos podem ser divididos em dois grupos: um primeiro que tem o Experienciador na posição de sujeito e um Tema na posição de objeto (verbos do tipo *temer*); e um segundo que apresenta uma estruturação sintática inversa: o Tema aparece na posição de sujeito e o Experienciador na posição de objeto (verbos do tipo *preocupar*). Os verbos do segundo grupo, os do tipo *preocupar*, também apresentam um comportamento diferente em relação à ligação de anáforas: é permitido a uma anáfora localizada no sujeito ser ligada a um antecedente localizado no objeto, parecendo ocorrer uma violação da condição de c-comando exigida pelo Princípio A da Teoria da Regência e Ligação (*Government and Binding*). É devido a esse diferente comportamento que esses verbos têm sido freqüentemente objeto de estudo da sintaxe e semântica.

Este artigo tem a intenção de mostrar que a classificação dos verbos psicológicos e a proposta inacusativa de Belletti & Rizzi (1988) para os fenômenos apresentados por esses verbos não são adequadas, pelo menos, para os dados do português brasileiro (se não forem inadequadas também para algumas outras línguas). Apesar de existirem algumas críticas a pontos específicos do trabalho de Belletti & Rizzi (Stowell, 1991), Zubizarreta, 1992), Grimshaw, 1990), essa proposta, e, principalmente, a classificação temática dada aos verbos psicológicos ainda são bem aceitas e citadas na literatura; daí a importância de serem revistas.

Um segundo objetivo deste artigo é mostrar que na aplicação da proposta de Belletti & Rizzi aos verbos psicológicos do português brasileiro surgiram vários indícios que me levam a acreditar que uma solução adequada para esses problemáticos verbos pode estar em uma análise mais fina de uma teoria de estrutura argumental em que os papéis temáticos e seu conteúdo particular são relevantes para certas configurações sintáticas, isto é, uma proposta de análise semântico-representacional<sup>1 2</sup>.

O artigo será apresentado da seguinte maneira: em uma primeira seção, apresentarei brevemente a proposta de Belletti & Rizzi para os verbos psicológicos do italiano. Em uma segunda seção, apresentarei um quadro com os dados encontrados na pesquisa empírica sobre o português brasileiro: esses dados foram divididos em quatro classes segundo suas propriedades semânticas e sintáticas. Na seção 3, farei uma análise da proposta de B&R aplicada às quatro classes respectivamente. E em 4, apresento as considerações finais.

### 1. Hipótese geral de Belletti & Rizzi



<sup>1</sup> Ver essa proposta em Cançado (1995a).

<sup>2</sup> Corroborando também essa hipótese, tem-se em Cançado (1995b) um estudo da proposta temático-aspectual de Grimshaw (1990) e van Voorst (1992), aplicada aos verbos psicológicos do português brasileiro, que apresentam indícios nessa mesma direção.

Belletti & Rizzi (daqui para frente B&R), dentro do quadro de não - interferência do conteúdo semântico na estruturação sintática proposto pela *Government and Binding* (daqui para frente GB), utilizam-se dos verbos italianos *temere*, *preoccupare* e *piacere* para demonstrar sua hipótese sintático-lexical sobre os verbos psicológicos, ou "psico-verbos" (tomando o termo como empréstimo do inglês). A hipótese dos autores é de que as configurações da estrutura profunda desses verbos diferem, mas não de uma maneira drástica, e que as representações lexicais desses verbos são quase idênticas, exceto por um parâmetro lexical envolvendo a seleção de um caso inerente diferente. O que se tem então é uma simples variação em estrutura-P, derivada da representação lexical, em que o verbo *temere* apresenta uma configuração transitiva simples e os verbos *preoccupare* e *piacere* apresentam uma configuração inacusativa, de duplo objeto, com a posição do sujeito não-temática, como em (1) acima.

### 1.1. Evidências empíricas

B&R apontam várias evidências empíricas que sustentam a hipótese proposta. Uma delas é que o sujeito de *preoccupare* possui um feixe de propriedades típicas de sujeito derivado. Para provar esse fato, aplicaram quatro tipos de testes:

- a) aceitação de clíticos anafóricos; se a sentença envolver um sujeito derivado, será mal formada, pois o argumento que preenche a posição theta-barrado do sujeito não pode ser conectado ao seu vestígio, devido à intervenção do clítico coindexado que vincula o traço localmente:

- (2) a. Gianni si teme. 'Gianni se teme.'  
 b. \*Gianni si preoccupa. 'Gianni se preocupa.'

- b) aceitação de um *pro* arbitrário na posição de sujeito; essa propriedade só é licenciada através de theta-marcação, portanto só possível com sujeitos profundos:

- (3) a. *pro* hanno temuto il terremoto. 'temiam o terremoto'  
 b. \**pro* hanno preoccupato il governo. 'preoccupavam o governo'

- c) aceitação de construções causativas encabeçadas simples e com o auxiliar fazer + complementos VPs infinitivos; Burzio (1986) mostrou para o italiano que estruturas contendo sujeito derivado não podem ser encabeçadas por construções causativas:
- (4) a. Questo lo ha fatto temere ancora di più a Mario.  
'Isto o fez temer ainda mais a Mario.'
- b. \*Questo lo ha fatto preoccupare ancora di più a Mario.  
'Isto o fez preocupar ainda mais a Mario.'
- d) aceitação da passivização sintática, que não é aceita por sujeitos não-temáticos; por outro lado, aceita passivização adjetiva. Esse comportamento pode ser medido por alguns testes. Um deles seria o de verbos que têm sujeito derivado que não permitem uma forma regular de particípio, mas têm a forma correspondente adjetival:
- (5) a. Le sue idee mi stufano.  
'Suas idéias me cansam.'
- b. \*Sono stufato dalle sue idee.  
'Eu estou cansado por suas idéias.'
- c. Sono stufo delle sue idee.  
'Eu estou cansado das suas idéias.'

Em conclusão, a não-aceitação dessas quatro propriedades, como é o caso dos psico-verbos do tipo *preoccupare*, indica que a posição do sujeito é não-temática, e o sujeito superficial é movido daí para uma posição interna à VP.

Os diferentes comportamentos de ligação de anáfora que ocorrem nesta classe<sup>3</sup> sugerem que o sujeito superficial é c-comandado pelo objeto superficial em algum outro nível, e que o Exp., neste nível, deve estar em uma posição mais alta que o Tema, portanto, em uma posição deslocada dentro de VP.

Embora se tenham algumas evidências para a posição deslocada do objeto-Exp., ele ainda se comporta como um objeto canônico em relação à marcação de caso. Entretanto, B&R argumentam que esse acusativo

<sup>3</sup> O sujeito superficial desses verbos pode conter uma anáfora local ligada ao antecedente localizado no objeto superficial; e também é permitido que o objeto superficial ligue o pronome anafórico de longa distância *próprio* localizado no sujeito superficial.

não é um caso estrutural, e sim um caso inerente, marcado no léxico. Como suporte empírico para essas argumentações, mostram que o objeto dos verbos tipo *preoccupare* não apresenta propriedades de objetos canônicos, como transparência para processos de extração.

## 1.2. Representação Lexical

As representações lexicais das três classes diferem minimamente. Os autores assumem que a teoria do léxico tem: a) um *Theta-Grid* (lista não-ordenada de papéis-theta) e um *Case-Grid* (a especificação de casos inerentes idiossincriticamente selecionados pelo verbo), e b) princípios condutores do mapeamento das representações lexicais nas configurações sintáticas profundas. Especificam, ainda, esse princípio como: "Dado um *Theta-Grid* [Exp, Tema], o Exp. é projetado numa posição mais alta que o Tema (assimetricamente c-comandado)". Tem-se, assim, as seguintes representações lexicais das três classes de psico-verbos:

- |                          |                                                |
|--------------------------|------------------------------------------------|
| (6) <i>temere</i> :      | theta-grid [Exp., Tema]<br>case-grid [ - - ]   |
| (7) <i>preoccupare</i> : | theta-grid [Exp., Tema]<br>case-grid [Acc. - ] |
| (8) <i>piacere</i> :     | theta-grid [Exp., Tema]<br>case-grid [Dat. - ] |

Em termos gerais, a proposta assumida por B&R é a seguinte: com apenas certos princípios gramaticais restritivos da GB podem-se explicar os aparentes fenômenos dos verbos psicológicos, não sendo necessário envolver o conteúdo dos papéis temáticos para compreender tais fenômenos. Essas distinções têm um papel crucial entre a interface da gramática formal e outros sistemas cognitivos, mas são irrelevantes dentro do próprio formalismo gramatical. Essa posição é exatamente oposta à hipótese levantada na introdução do artigo.

## 2. Os dados do Português brasileiro

Como nos verbos psicológicos os problemas relacionados à seleção argumental colocam-se em bastante evidência, utilizei para a investigação

desses verbos o estudo da diátese verbal e o exame das propriedades e fatores que envolvem a seleção argumental de trezentos psico-verbos do português brasileiro. Apresentarei aqui somente os resultados descritivos dessa pesquisa (Cançado, 1995a) e indicarei como alguns desses resultados são evidências favoráveis a uma proposta semântica, no âmbito das relações temáticas, e evidências contrárias à proposta inacusativa de B&R (1988).

Foram encontradas não somente duas, como assume a literatura na área, mas quatro classes obtidas pelas distintas propriedades sintáticas apresentadas e por distintas redes temáticas. A escolha das propriedades a serem analisadas foi feita a partir de estudos sobre os psico-verbos já existentes na literatura linguística. Quanto ao estudo da rede temática, optei por uma classificação mais fina dos papéis temáticos<sup>4</sup> por não achar que a redução localista se possa sustentar, diferentemente do que é encontrado em grande parte da literatura. E, opostamente à GB, por acreditar (e ter encontrado evidências) na relevância do conteúdo de diferenciados papéis temáticos na estruturação sintática.

Brevemente, mostrarei como foi elaborado o quadro (9) que apresenta as classes e as respectivas propriedades: a) localização do Exp. na estrutura sintática superficial; b) se é permitida a ligação de anáforas com o antecedente na posição de sujeito; c) se o verbo aceita construções ergativas; d) se o verbo aceita construções causativas; e) se o verbo aceita a passivização sintática ou adjetiva; f) se o verbo possui uma interpretação arbitrária quando se tem *pro* como sujeito da oração; e g) se o verbo permite orações causativas encabeçadas:

(9)

Classe 1 <i>temer</i>	Classe 2 <i>preocupar</i>	Classe 3 <i>acalmar</i>	Classe 4 <i>animar</i>
Exp.-suj.	Exp.-obj.	Exp.-obj.	Exp.-obj.
-anaf.	+anaf.	+anaf.	+anaf.
-erg.	+erg.	+erg.	+erg.
-caus.	+caus.	+caus.	+caus.
+p.sin.	+p.adj.	+p.sin.	+p.sin. e adj.
+ <i>pro</i>	- <i>pro</i>	+ <i>pro</i>	+ <i>pro</i>
+c.enc.	-c.enc.	+c.enc.	+c.enc.

<sup>4</sup> Neste artigo, utilizarei os papéis temáticos apenas como etiquetas encontradas normalmente na literatura. A definição formal, baseada em considerações de natureza teórica, encontra-se em (Cançado, 1995a). Devo observar que uma discussão formal sobre os papéis temáticos não é o objetivo e nem caberia em um debate dessa natureza.

Vejamos agora a aplicação da proposta de B&R às quatro classes dos psico-verbos do português brasileiro. Não discutirei os outros testes diferentes dos propostos por B&R mostrados no quadro em (9), por não serem pertinentes para o propósito deste artigo.

### 3. Aplicação da Proposta de B&R às Classes dos Psico-Verbos

#### 3.1. Classe 1 do Português

A Classe 1, que representa 16% do total dos verbos estudados, apresenta o Exp. na posição de sujeito, e, segundo a classificação mais fina dos papéis temáticos adotada, no segundo argumento o papel temático Objetivo. O Objetivo pode ser considerado como *um papel claramente estativo, no sentido de que entra em uma relação com o predicador que não implica mudança de estado*:

- (10) José teme o cachorro.  
Exp. Objetivo

No caso da Classe 1, a análise de B&R não apresenta grandes diferenças em relação à minha análise. A única observação que se pode fazer é quanto ao teste da aceitação do clítico como anáfora, que não mostrou ser um bom teste para o português, pois, apesar de ser aceito por alguns verbos desta classe, não é aceito por todos:

- (11) José se teme.  
(12) ?José se deseja.  
(13) \*Maria se ambiciona.

Como B&R, assumo para esses verbos uma configuração transitiva simples. Assim, passemos à análise das outras classes.

#### 3.2. Classe 2 do Português

A Classe 2 representa 43% dos verbos estudados e, segundo a classificação utilizada por B&R, esse tipo de verbo apresenta, em estrutura superficial, o Tema na posição de sujeito e o Exp. na posição de

objeto. De acordo com os testes para a constatação do tipo de sujeito, a Classe 2 pode apresentar o tipo de configuração inacusativa, proposta pelos autores, em que se tem um sujeito derivado<sup>5</sup>. Mas, quanto à posição deslocada do objeto, não posso aceitá-la por não existirem evidências de que essa configuração seja a representação mais adequada para essa classe. Além disso, não concordo que o sujeito superficial dessa classe seja um Tema. Segundo Pesetsky (in prep.), os verbos dessa classe têm predicado causativo; evidência disso seria o fato de que o exemplo em (14) pode ser parafraseado por (15):

(14) The article in the Times angered Bill greatly.  
'O artigo no Times aborreceu Bill enormemente.'

(15) The article in the Times caused Bill to be angry.  
'O artigo no Times causou Bill ficar aborrecido.'

Outra evidência dada por Pesetsky é que, em japonês, os verbos psicológicos desse tipo apresentam uma marca morfológica atribuída somente a verbos causativos. Também Chomsky (1970) e Ruwet (1972) atribuem um sentido causativo a esses verbos. Concordando com essas posições, a minha proposta é que o sujeito dos verbos dessa classe tem uma Causa como papel temático. Pode-se definir um papel temático Causa para um argumento  $x$ , sempre que, dentre as propriedades acarretadas pela relação de  $x$  com um predicado  $a$ , estiver a *propriedade de ter um papel no desencadeamento do processo ou na manutenção de um estado*:

(16) A arrogância de Rosa preocupava a mãe.  
Causa Exp.

Apresentarei a seguir a aplicação dos testes empíricos propostos por B&R, analisando a adequação ou não desses testes ao português, e mostrando as evidências que me levaram a discordar da configuração proposta pelos autores.

<sup>5</sup> Entretanto, existem autores como Grimshaw (1990), Stowell (1991) e Zubizarreta (1992) que apresentam evidências de que o sujeito de verbos do tipo *preoccupare* em italiano, ou *frighten* em inglês ou *amuser* em francês não possuem sujeito derivado, e sim profundo. Mostrarei algumas dessas afirmações com maiores detalhes mais à frente.

### 3.2.1. Verificação do tipo de sujeito

Para a Classe 2, poder-se-ia dizer que o sujeito é derivado por não possuir propriedades típicas de sujeito profundo, se considerarmos que o resultado dos testes propostos por B&R é decisivo para tal classificação: a) a Classe 2 não aceita o clítico como anáfora; essa afirmação confirma-se em todos os exemplos catalogados na Classe 2; b) não aceita o *pro* arbitrário como sujeito; c) não aceita construções causativas encabeçadas; d) não aceita passivização sintática, aceitando a adjetiva. Vejamos os exemplos relativos às propriedades:

- (17) \*A mãe se preocupa.<sup>6</sup>
- (18) \*Preocupam a mãe com aquela arrogância.
- (19) a. \*O pai fez Rosa preocupar a mãe.  
b. \*Isto fará preocupar ainda mais a mãe.
- (20) a. \*A mãe foi preocupada pela arrogância de Rosa.  
b. A mãe ficou preocupada com a arrogância de Rosa.

Porém, o resultado negativo desses testes não parece indicar se o sujeito é profundo ou derivado. Mas sim, se se trata de um Agente ou não; mais à frente darei evidências para tal afirmação.

### 3.2.2. Sobre a posição de objeto superficial deslocado

Existem várias evidências contrárias à hipótese de B&R de que o objeto superficial do verbo *preoccupare* está em uma posição deslocada dentro de VP, cedendo sua posição para o sujeito superficial desse verbo. Os autores alegam que, como essa classe apresenta o fato já descrito de ligação de anáforas, em algum nível, o sujeito-Exp. está mais alto que o objeto-Tema para que possa ocorrer essa ligação, com respeito à condição de c-comando. Essa seria uma

<sup>6</sup> Esse *se* tem que ser um argumento, e não o *se* ergativo que não tem uma função semântica na frase. O segundo *se* evidentemente é aceito por todos os verbos que aceitam construções ergativas:

- (i). preocupa a mãe.
- (ii). A mãe se preocupa com Rosa.

explicação para a afirmação de que o objeto superficial do verbo está em uma posição deslocada. Outra explicação de natureza teórica é baseada na hipótese de que o caso acusativo apresentado por esse tipo de verbo não é um caso estrutural, e, sim, inerente. Finalmente, uma evidência empírica é que esse objeto superficial não possui as propriedades de extração típicas dos objetos canônicos. Vejamos essas afirmações e os dados do português.

Quanto à ligação de anáfora local<sup>7</sup>, a Classe 2 comporta-se como a classe de *preoccupare* em italiano. Ela permite ao antecedente estar localizado no sujeito, parecendo corroborar assim a hipótese de que o sujeito-Tema está em uma posição mais baixa que o objeto-Exp.:

(21) Rumores sobre si; preocupam Rosa;

(22) Retratos de si mesma; aborrecem Maria;

A explicação de B&R é que o sujeito superficial, de acordo com a configuração sintática profunda proposta, está em uma posição mais baixa que o objeto superficial. Esse fato satisfaz, pelo menos em um nível, a condição de c-comando, e permite ao sujeito superficial conter a anáfora. Esse tipo de ocorrência é normalmente atribuído somente aos verbos psicológicos. Entretanto, a ligação de anáforas com o antecedente no objeto do verbo pode aparecer em outros tipos de verbos que não são psicológicos, como é o caso dos causativos, verbos genuinamente transitivos:

(23) A confiança excessiva em si; mesma matou Maria;

(24) A imagem que tinha de si mesma; não deixava Maria progredir.

Martin (1986) também aponta exemplos em inglês em que se vêem construções transitivo-causativas com as mesmas propriedades de ligação de anáforas creditadas somente aos psico-verbos:

(25) *Stuffing himself; night and day eventually killed John.*

<sup>7</sup> Em relação à ligação de anáfora de longa distância com o possessivo *próprio*, não me parece que essa estrutura ocorra em português; sentenças que parecem boas em italiano soam comoagramaticais para nós. Por isso, não trabalhei com essa ocorrência como um possível teste:

(i) a. \*João; teme aqueles que querem sustentar a própria, candidatura.

b. Gianni, teme coloro che vogliono sostenere la propria, candidatura.

(ii) a. \*Quem quer que duvide da própria; boa fé preocupa João.

b. Chiunque dubiti della propria; buona fede preoccupa Gianni.

(26) *Allowing himself time for exercise each day made John grow strong*

Não há razão, portanto, para pressupor uma estrutura específica para esta classe dos verbos psicológicos. Nessa direção, ter-se-ia que propor a mesma estrutura para verbos como *matar*, *deixar*, e todos os verbos causativos, o que não faz sentido; para esses verbos não se pode falar em sujeito derivado<sup>8</sup>.

A segunda evidência para a posição deslocada do objeto é a hipótese do caso inerente. Primeiramente, vejamos o critério utilizado por B&R para a atribuição de caso inerente<sup>9</sup> ao objeto do verbo *preoccupare*:

(27) *Questo lo preoccupa.*  
*'Isto o preocupa.'*

Essa frase em italiano possui a marcação de caso acusativo, que, segundo B&R, é um caso inerente, atribuído ao verbo idiossincriticamente na sua grelha temática. Isso é explicado a partir da interpretação de B&R da Generalização de Burzio (1986):

(28) *V é um atribuidor de caso estrutural se, e somente se, tiver um argumento externo.*

Segundo essa generalização, o verbo *preoccupare*, como não possui argumento externo, não pode ser um atribuidor de caso estrutural, admitida a configuração proposta pelos autores. Conseqüentemente, o caso acusativo, tornado visível em (27), não pode ser estrutural: o Tema é que estaria na posição de objeto canônico, onde não receberia caso, e o Exp. receberia um caso acusativo inerente, relacionando-se diretamente com o Tema em uma posição pós-verbal.

Há várias inconveniências nessa proposta. Seria preferível ter-se uma proposta sem estipulações adicionais, considerando o acusativo como estrutural, com o Exp. na posição do objeto. Grimshaw (1990) aponta que a proposta de B&R é uma estipulação lexical arbitrária. Existem diferenças sistemáticas entre as duas classes (*frighten*=*preoccupare*, *fear*=*temere*), que não podem, de maneira nenhuma, estar conectadas com o traço de caso que recebe o verbo *frighten*. Uma dessas diferenças é, por exemplo, o caráter estativo de *fear* e o caráter causativo de *frighten*.

<sup>8</sup> Sobre ligação excepcional de anáforas, ver Cançado & Franchi (1996).

<sup>9</sup> Sobre caso inerente, ver, por exemplo, Baker (1988).

Outra constatação é que a Generalização de Burzio, decisiva nessa proposta, dificilmente pode ser mantida. Há inúmeros contra-exemplos em russo e islandês (Rothstein, 1983), em latim (Franchi, apud Whitaker-Franchi, 1989) e em português (Everett, 1986). Falseada a Generalização de Burzio, a hipótese de B&R deixa de ter suporte teórico.

Everett (1986)<sup>10</sup> aponta que, em português, existem frases, com leitura não-agentiva, sem argumento externo, com marcação de caso estrutural no objeto:

- (29) a. Pedro furou o pneu do carro.  
 b. Furou o pneu do carro de Pedro.  
 c. Lhe furou o pneu quando vinha de Santos.
- (30) a. Pedro operou o pé.  
 b. Dr. João operou o pé de Pedro.  
 c. O pé lhe foi operado.

Na interpretação de (29) e (30), a função temática agentiva desaparece, estando a posição de sujeito vazia na estrutura profunda; entretanto, o objeto continua a receber caso acusativo. Há vários outros exemplos em português, em que ocorre o objeto com caso acusativo, e o sujeito gramatical, antes existente, transforma-se em locativo, isto é, ocorre a detematização da posição de sujeito<sup>11</sup>:

- (31) a. Não tinha uma nuvem no céu.  
 b. Nuvens? Não as tinha no céu.
- (32) a. No sítio tinha vacas e um cavalo.  
 b. Vacas e cavalos? Sim, lá os tinha.
- (33) a. Dá muita traça nesse armário.  
 b. Traças? Como as dá nesse armário.

<sup>10</sup> Ver sobre a análise de Everett em Whitaker-Franchi (1989:55). Também para os contra-exemplos da Generalização de Burzio em russo, islandês e latim, ver Whitaker-Franchi (1989:55).

<sup>11</sup> Estes exemplos não seriam contra-exemplos, se está correta a hipótese de Nascimento e Kato (1995) para a estrutura dos verbos existenciais e inacusativos. Continuam contra-exemplos, na proposta de Franchi, Negrão & Viotti (1995).

Os exemplos acima contrariam (28). Portanto, não há motivos para pensar que o caso acusativo do verbo *preocupar* seja inerente. Fica-se, então, com a hipótese mais natural de que o caso acusativo da Classe 2 é estrutural.

Estando a hipótese de objeto deslocado já bastante enfraquecida com as contra-evidências apresentadas, não creio que a constatação da transparência para processos de extração no objeto seja uma evidência suficientemente forte para que a hipótese seja mantida. Ainda assim, essa propriedade não se mostrou nos dados do português, mesmo com verbos que supostamente deveriam tê-la:

(34) \*João de quem a falta de dinheiro preocupa a mãe.

- (35) a. ??A namorada de quem João teme o pai.  
b. ??De quem João teme o pai?

Em contrapartida, Levin (1987) argumenta que existem instâncias para os verbos psicológicos do tipo da Classe 2, em que o Exp. age como um objeto direto. Exemplo disso seria a formação medial, onde ocorre a alternância do objeto de um verbo transitivo em sujeito de um verbo intransitivo, aliás, como em português:

- (36) a. She frightens easily.  
b. Ela assusta facilmente.

### 3.2.3. Conclusão sobre a Classe 2

Foi constatado, pois, que a hipótese de que o objeto superficial do verbo *preocupar* (e até mesmo do verbo *preoccupare* em italiano) está em uma posição deslocada, não se mantém por falta de evidências: é um objeto canônico. Os testes propostos por B&R parecem valer, porém, para a hipótese do sujeito derivado. Mas, concordando com os autores citados na nota 5, não me parece que essa afirmação possa se manter. Apresentarei algumas evidências de que o sujeito dessa classe de verbos é profundo (mostrando, inclusive, que esses testes não são bons para tal classificação).

Zubizarreta (1992) apresenta evidências de que o sujeito de predicados psicológicos está em uma posição-theta. Em francês, o pronome *ça* aparece como um argumento, enquanto o *il* aparece como um expletivo. Se a posição de sujeito dos verbos do tipo da classe de

*preoccupare* (por exemplo, *amuser* em francês) é uma posição não-temática, deveria ser ocupada por *il* quando o verbo tem um complemento sentencial; e isto não acontece:

- (37) a. *Ça m'amuse (que Marie ait peur des mouches).*  
           '*Isto me diverte (que Maria tenha medo de moscas)*'  
 b. \**Il m'amuse que Marie ait peur de mouches.*

Os exemplos acima são evidências para a hipótese de que os verbos psicológicos do tipo *preoccupare* ou *preocupar* possuem sujeito profundo. A diferença entre as Classe 1 e 2 não está no nível configuracional<sup>12</sup>; veremos que é de natureza semântica, isto é, são as redes temáticas, que as caracterizam, que diferem:

(38) TEMER: <Exp. <Obj.>>

(39) PREOCUPAR: <Cau. <Exp.>>

Dessa rede temática distinta vem a explicação da diferente estruturação sintática das duas classes em nível superficial; não se trata de uma mesma rede temática variando as posições sintáticas, mas se trata de diferentes projeções para diferentes redes temáticas. Quanto ao motivo pelo qual em uma classe o Exp. se projeta como sujeito e em outra projeta-se como objeto, posso adiantar que é um problema que advém do princípio de hierarquia temática<sup>13</sup> entre os papéis envolvidos, mas que não atinge o escopo deste artigo. Essa proposta é explicada detalhadamente em Cançado (1995a).

A ocorrência da ligação excepcional de anáfora com esse tipo de verbo não pode ser explicada pela configuração proposta, pois se viu que outros verbos, não psicológicos, permitem essa ligação. Com os dados apresentados, mostrou-se que a hipótese inacusativa não é adequada para os verbos psicológicos, e que se tem indícios de que a solução para os problemas apresentados por esses verbos está em nível das relações temáticas. Porém, os dados do português ainda mostram outros fatos que

<sup>12</sup> Em van Voorst (1992) e em Cançado (1995b), é mostrado que, para o inglês e português, respectivamente, a diferença entre essas duas classes também não é aspectual, pois nesse nível elas se igualam.

<sup>13</sup> Para uma proposta sobre a hierarquia temática do português brasileiro, ver Franchi e Cançado (em prep.).



Pode-se definir um papel temático Agente para um argumento *x*, sempre que dentre as propriedades acarretadas pela relação de *x* com um predicado *a*, estiverem as de *ter algum papel no desencadeamento do processo e fazê-lo intencionalmente* (intenção no sentido de Davidson, 1981<sup>14</sup>):

- (45) João acalma Maria com um chá. (A ação intencional de João sobre Maria faz Maria acalmar-se.)
- (46) João preocupa Maria com sua chegada. (\*A ação intencional de João sobre Maria faz Maria preocupar-se.)

Uma observação importante a ser feita é que não se pode confundir a natureza agentiva de um verbo relacionada à intenção com o traço [+intenção] relacionado às conseqüências da ação praticada. Segundo B&R, "com alguns verbos da classe de *preoccupare*, um sujeito humano pode ser interpretado como indutor voluntário do processo ou estado do Exp., pragmaticamente mais natural quando está envolvida alguma reciprocidade ajudada por advérbios como voluntariamente, intencionalmente. Nesses casos, o sujeito é um simples sujeito agentivo profundo, e alguns dos testes propostos serão aceitos pelo sujeito". Isso não é verdade; os verbos da Classe 2 podem ter uma leitura implicando a intencionalidade no resultado do processo com sujeitos humanos, e ainda nessas condições, não têm uma leitura agentiva; e continuam a não aceitar os testes propostos por B&R. Vejamos os exemplos abaixo:

- (47) a. Maria, intencionalmente, preocupa a mãe com suas saídas.
- b. \*A ação intencional de Maria diretamente sobre a mãe a preocupa.
- c. O fato de Maria sair preocupa a mãe; e Maria o faz intencionalmente.

Foi mostrado, portanto, que a Classe 3, além da rede temática proposta em (40), também aceita a rede temática em (48), e que essa possibilidade lhe proporciona propriedades sintáticas diferentes das propriedades da Classe 2<sup>15</sup>:

<sup>14</sup> Segundo Davidson (1981): se um evento é uma ação, sob alguma descrição, é uma "ação primitiva" e "intencional". E um elemento é um agente se, sob alguma descrição, seja direta, seja pelas suas conseqüências, ele é responsável intencionalmente por essa ação mesmo quando não o seja pelas suas conseqüências. Ver explicação mais detalhada em Cançado (1995a).

<sup>15</sup> Para uma possível evidência em inglês da hipótese de que existe uma terceira classe de psicoverbos, encontrei alguns exemplos em Zubizarreta (1992). Esses exemplos têm o Tema (segundo a autora) na posição de sujeito e aceitam passivização com o adjunto *by*, podendo levar-nos à conclusão de que esses verbos aceitam passivização sintática, propriedade que não seria típica da Classe 2, mas sim da Classe 3:

(48) João acalma Maria.

Ag.                      Exp.

O que também se conclui com esses fatos é que os testes propostos por B&R, como sendo indicadores da natureza derivada ou profunda do sujeito, são, na verdade, indicadores da natureza agentiva ou não do sujeito. E é por isso que eles não são aceitos na Classe 2, pois se trata de uma classe com sujeito não-agentivo.

### 3.4. Classe 4 do Português

Para finalizar, tem-se a Classe 4, que é uma classe que não apresenta novidades, tendo em vista que são verbos que partilham propriedades tanto da Classe 2 quanto da Classe 3, apresentando, portanto, todas as propriedades atribuídas a essas duas classes:

(49) Maria animou José com sua beleza.

Cau.;                      Exp.      Cau.;

(50) Maria animou José com uma bebida forte.

Ag.                      Exp.              Ins.

Enfatizando mais uma vez, tem-se que a diferença entre a Classe 3 e a Classe 4 é que a Classe 3 aceita duas redes temáticas, mas é a sua característica agentiva que determina as propriedades sintáticas. E a Classe 4 aceita as duas redes temáticas e todas as propriedades das duas classes; por isso é que se diz que ela pode fazer parte tanto de uma classe quanto de outra. São suas propriedades:

(51) a. José se animou.

b. \*Rosa se intimidou.

(cont.)

(i) Mary was humiliated by John's remarks.

*'Mary foi humilhada pelas observações de John.'*

(ii) Mary was inspired by the sunset.

*'Mary foi inspirada pelo sol.'*

Mas para se fazer tal afirmação, seria necessário uma listagem mais significativa dos psicoverbos em inglês.

- (52) a. Animaram José com uma bebida forte.  
b. \*Animaram José com aquela beleza.
- (53) a. João fez Maria animar José com uma bebida.  
b. \*João fez Maria animar José com sua beleza.  
c. A bebida fará animar ainda mais José.  
d. \*A beleza de Maria fará animar ainda mais José.
- (54) a. José foi animado por Maria.  
b. José ficou animado com a beleza de Maria.

#### 4. Considerações finais

Os dados do português brasileiro mostram que a proposta inacusativa de Belletti & Rizzi é inadequada como solução aos problemas apresentados pelos verbos psicológicos e, também, é inadequada em relação à classificação dos mesmos. Concluiu-se que a hipótese inacusativa dos autores não pode ser sustentada por falta de evidências, pois, como foi visto, não se conseguiu provar a natureza derivada dos sujeitos e nem a natureza não-canônica dos objetos da classe dos verbos de *preoccupare*. Portanto, não existe motivo para se pensar que essa classe tenha estrutura profunda diferente da de um verbo transitivo simples. E com isso, igualam-se as classes dos psico-verbos em nível configuracional, atribuindo-se às quatro classes uma mesma estrutura transitiva.

Não se comprovando diferenças em nível da configuração sintática entre as classes dos verbos psicológicos, (e nem aspectuais como foi provado para o inglês por van Voorst (1992) e para o português por Cançado (1995b)), deve-se buscar a solução para os problemas apresentados por esses verbos em um outro plano. A adoção de uma classificação mais fina dos papéis temáticos levou a diferentes redes temáticas para as classes dos psico-verbos. Parte da classificação apresentada é sustentada por evidências em Pesetsky (in prep.), por evidências empíricas do japonês e, também, pela análise da proposta de Grimshaw feita em Cançado (1995b). É plausível supor que os diferentes comportamentos e propriedades apresentados por esses verbos têm sua origem em suas diferenças semânticas. Observa-se, aliás, que os testes de

B&R utilizados não constataam a natureza profunda ou derivada dos "sujeitos", mas sim os traços semânticos a eles associados.

Portanto, os indícios semânticos detectados na análise aqui apresentada são suficientemente fortes para se propor que certos aspectos semânticos são relevantes para a sintaxe das expressões envolvendo os verbos psicológicos. Essa suposição foi avaliada por um exame mais teórico e detalhado em Cançado (1995a), que se utiliza do modelo de semântica representacional proposto por Franchi (1975) e Franchi (apud Cançado, 1995a) para apresentar uma solução de natureza semântica para alguns dos problemas apresentados pelos verbos psicológicos.

(Recebido em 22/12/1994. Aprovado em 15 /02/1996)

#### Referências Bibliográficas

- BAKER, M. (1988) *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- BELLETTI, A. & L. RIZZI (1988) Psych verbs and theta-theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, 6: 291-352.
- BURZIO (1986) *Italian Syntax*. Dordrecht: D. Reidel.
- CANÇADO, M. (1995a) *Verbos Psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- \_\_\_\_\_ (1995b) A teoria da proeminência de Grimshaw e os psico-verbos do português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 11(2): 279-99.
- \_\_\_\_\_ (no prelo) Verbos psicológicos: análise descritiva dos dados do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4(1).
- CANÇADO, M. & C. FRANCHI (1996) Ligação excepcional de anáforas. Manuscrito, UFMG/UNICAMP.
- EVERETT, D. (1986) Possessor raising and ergative structures in brazilian portuguese. Manuscrito, IEL/UNICAMP.
- FRANCHI, C. & M. CANÇADO (em prep.) O estudo das relações semânticas (papéis temáticos) em uma semântica representacional. Manuscrito, UNICAMP/UFMG.
- FRANCHI, C., E. NEGRÃO & E. VIOTTI (1995) A sintaxe dos verbos existenciais. Manuscrito, USP.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.

- LEVIN, B. (1987) Psych verbs, further dilemmas. Manuscript, Center for Cognitive Science, MIT.
- MARTIN, J. (1986) Toward a modular account of psychological and physical predicates. Manuscript, University of California, LA.
- NASCIMENTO, M. e M. KATO (1995) O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos. *Revista de Estudos da Linguagem*, 3.
- PESETSKY, D. (in prep.) Experiencer, predicates and universal alignment principle. Dept. of Linguistics and Philosophy. MIT.
- \_\_\_\_ (1987) Binding problems with experiencer verbs. *Linguistic Inquiry*, 18: 126-40.
- ROTHSTEIN, S. (1983) *The Syntactic Form of Predication*. Doctoral Dissertation. MIT.
- STOWELL, T. (1991). As so, not so as. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, 11: 9-49.
- van VOORST, J. (1992) The aspectual semantics of psychological verbs. *Linguistics and Philosophy*, 15: 65-92.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. (1989) *As Construções Ergativas: Um estudo sintático e semântico*. Tese de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1992) The lexical encoding of scope relations among arguments. In: E. Wehrli & T. Stowel (eds.) *Syntax and the Lexicon-Syntax and Semantics*, 224: 211-58.